

# “RUMO AO FUTURO”: A INFLUÊNCIA DE UM PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO, NAS COMPETÊNCIAS DE TOMADA DE DECISÃO VOCACIONAL DE ALUNOS DO 9º ANO DE ESCOLARIDADE

**Margarida Carmo**

Escola Básica 2, 3 Grão Vasco – Viseu

**Etã Sobal Costa**

Instituto Piaget – Viseu

Correspondência para:

Margarida Carmo

Rua 21 de Agosto, Ed. JC – Bloco A – 4º ADD

3510-103 Viseu

Tlm. 96 5484253

Email: [marg\\_carmo@hotmail.com](mailto:marg_carmo@hotmail.com)

## RESUMO

No presente trabalho procurou-se compreender a influência que o processo de Orientação Vocacional exerce sobre as intenções de escolha escolares e profissionais de alunos do 9º ano de escolaridade. Foi concebido um Programa de Orientação – Programa Rumo ao Futuro – que foi aplicado a 59 alunos da Escola Secundária de Viriato de Viseu, com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos (média de 15,29;  $dp=1,28$ ), sendo 31 (52,6%) do sexo feminino e 28 (47,4%) do sexo masculino. Como forma de avaliar o programa, foram utilizados um Pré-teste e um Pós-teste, construídos com base no questionário de Identidade Escolar e Vocacional, de Carvalho (s/d). Os resultados obtidos demonstraram, entre outras, alterações nas intenções de escolha escolares e profissionais depois da aplicação do Programa, o que permitiu conjecturar acerca da influência da Orientação Vocacional nas competências de tomada de decisão dos jovens.

**Palavras-chave:** Orientação vocacional, nono ano, tomada de decisão

## INTRODUÇÃO

A compreensão do mundo profissional e o ajustamento do indivíduo a esse mundo, de maneira satisfatória, constitui um dos objectivos mais importantes para a vida de cada sujeito. Além disso, uma vez que a necessidade de escolha se torna mais premente na fase da adolescência, como afirma Lucchiari (1993), a prática de Orientação deverá ser introduzida desde cedo, na vida escolar, decorrendo paralelamente ao percurso de vida do sujeito (Nérici, 1983), para que este cresça e se desenvolva do modo mais pleno e saudável possível.

Por outro lado, a prática de Orientação deverá valorizar o indivíduo como um todo (Peavy, 1996), centrando-se, invariavelmente, nas suas próprias características, tais como os interesses, as aptidões ou a personalidade e que não poderão ser, de modo algum, encaradas como estanques ao longo do tempo mas, antes, como constructos passíveis de serem desenvolvidos e aperfeiçoados (Imaginário, 1997), à medida que o sujeito se desenvolve.

Como forma de procurar compreender o modo como este tipo de actividade é implementado no sujeito, foi desenvolvido este projecto, no qual se pretenderá, numa primeira fase descrever como se desenrola todo o processo de Orientação Vocacional e a sua importância na transição para o ensino secundário, bem como todo o processo de tomada de decisão vocacional, mais particularmente nos jovens do nono ano de escolaridade. Uma segunda fase constará de uma exposição do estudo realizado com uma amostra de alunos do nono ano, da Escola Secundária de Viriato, procedendo-se à descrição da metodologia utilizada, apresentação dos resultados obtidos e sua discussão.

### **Orientação Vocacional**

Toda a actividade humana é vista como uma acção da pessoa no seu contexto e, como tal, não depende somente de dimensões psicológicas ou de outras características impregnadas no sujeito, mas igualmente da qualidade dos contextos de vida em que os indivíduos se inserem. Segundo Bronfenbrenner (1979), o desenvolvimento humano decorre da interacção contínua e dinâmica entre as características específicas de diferentes momentos desenvolvimentais, que vão ocorrendo ao longo do ciclo de vida do indivíduo, e um conjunto de forças sociais, culturais e físicas que o invadem.

Assim, a prática de Orientação Vocacional terá que ser entendida sob esta perspectiva desenvolvimental e não encarado como pontual na vida do sujeito. Não se pode reduzi-lo, unicamente, ao momento da escolha vocacional, significando algo mais do que, simplesmente, obter uma profissão (Chamberlain, 1994, cit. por Departamento do Ensino Secundário e col., 2002).

Com efeito, numa atmosfera de incerteza, risco e flutuação, a carreira já não pode ser concebida de modo linear e estático como o era tradicionalmente. De facto, muito mais do que um indivíduo permanecer “preso” a uma carreira até à idade da reforma, como se a ela pertencesse, as questões vocacionais têm vindo a complexificar-se, requerendo uma maior flexibilidade por parte dos trabalhadores (Blustein, 1992). Como afirma Peavy (1996, p. 9), a “vida é vivida como um todo” e, como tal, é impossível separar a carreira, a profissão dos restantes aspectos que conformam a vida do sujeito.

Indubitavelmente, a escola fornece uma experiência organizadora central na maior parte da vida dos adolescentes, oferecendo-lhes oportunidades, permitindo-lhes aperfeiçoar competências, explorar as escolhas vocacionais e estar com os amigos (Papalia, Olds & Feldman, 2001). É em contexto escolar que também os professores assumem um papel fulcral no modo como os jovens encaram a escolha vocacional, sendo, muitas vezes, principais promotores de motivação e apoio nessa escolha (Freire, 1980). Também o grupo de pares exerce uma influência predominante sobre o processo de decisão.

Serão, então, as pessoas significativas para os jovens, nomeadamente, os pais, professores e amigos, e a influência que todos estes exercem, que irá reflectir-se no modo com o jovem encara as tarefas de Orientação Escolar e Profissional, não excluindo, obviamente, os factores históricos, sociais ou económicos, bem como o nível de desenvolvimento noutras áreas do funcionamento psicológico (Blustein & Spengler, 1995).

Por outro lado, com a Orientação Escolar e Profissional pretende-se, igualmente, orientar e capacitar o educando no conhecimento e exploração das suas aptidões, interesses, atitudes, motivações e aspirações; dar a conhecer a realidade sobre as oportunidades do mundo do trabalho, bem como consciencializar os alunos acerca das aptidões e habilidades necessárias requeridas para o exercício das diversas profissões e ainda, orientar o aluno para a escolha vocacional que melhor lhe ajuste (Nérici, 1983).

### **A importância da Orientação Vocacional na transição para o ensino secundário**

O aluno que se encontra no nono ano aproxima-se a passos largos do final da escolaridade obrigatória, momento em que lhe compete uma escolha que irá determinar a sua vida futura e que coincide, precisamente, com a fase do desenvolvimento na qual o jovem se redescobre (Lucchiari, 1993).

De facto, a escolha de uma profissão é uma necessidade. A cada dia que passa assistimos a uma constante dificuldade por parte dos jovens para fazer opções. A tecnologia está presente em todas as áreas e o fascínio por novas descobertas vão tomando conta do jovem (Lucchiari, 1993). No campo da orientação é, assim, habitual a referência a um “mundo vocacional” para exprimir a

estrutura social das oportunidades educativas, formativas, profissionais e de emprego (Coimbra, 1997).

De acordo com Azevedo (1991), na transição para o Ensino Secundário, a opção vocacional dos alunos do nono ano de escolaridade reveste-se de dois tipos de expectativas: expectativas escolares e expectativas profissionais. As expectativas escolares incluem a preferência quanto à via ou área de estudos e percurso académico, enquanto que as expectativas profissionais são avaliadas através de dimensões, tais como: profissão desejada e sua articulação com as escolhas escolares; razões de preferência profissional e a qualidade da informação sobre esta profissão; e, finalmente, a percepção das oportunidades profissionais e das características profissionais valorizadas pelos empregadores (Azevedo, 1991).

Continuar a estudar após o nono ano de escolaridade é o desejo crescente da grande maioria dos jovens deste ano lectivo, tanto em rapazes como em raparigas. Procurar um emprego, nessa altura, é uma expectativa que, conseqüentemente, vai diminuindo. No entanto, o desejo de conquistar a sua autonomia e independência, não só economicamente, mas igualmente em relação à família continua a constituir a motivação pessoal para partir à procura de um emprego. No entanto, apesar desta realidade prosseguir os estudos continua a ser o objectivo da maioria dos jovens do nono ano, devido à crescente diversidade de alternativas pós-escolaridade obrigatória, abrindo aos alunos as portas do ensino superior.

Também o clima no qual se processa a escolha é relevante. Existe muita tensão, ansiedade e insegurança nesse momento da vida. Há muita pressão por definição, da própria família, dos amigos; há, sobretudo, muita expectativa social que o indivíduo sente sobre si mesmo. Na verdade, essa decisão da escolha profissional influenciará toda a sua vida futura e determinará o seu *locus* de inserção na sociedade (Prado, 1993).

De referir é também o facto de o nível sócio-económico do agregado familiar condicionar o percurso escolar e duração desse mesmo percurso. O que se verifica é que alunos oriundos de famílias pertencentes a níveis sócio-económicos mais elevados apresentam, em regra, um ritmo de aprendizagem mais rápido. A sua maior riqueza de vivências, de contactos sociais e acesso a informação diversa, tornam-nos mais aptos para aprender os conteúdos escolares de uma forma mais eficaz (Freire, 1980). Como tal, estes alunos desejam, no nono ano, realizar um trajecto escolar de mais 7 ou 8 anos, ingressando assim no ensino superior. Confirma-se assim, a importância dos contextos sócio-económicos na pré-determinação das escolhas sobre o prosseguimento de estudos pós-obrigatórios (Azevedo, 1992).

### **A Orientação Vocacional e o processo de tomada de decisão**

O desenvolvimento vocacional, neste caso concreto em adolescentes, constitui, portanto, uma temática amplamente estudada no decurso das últimas décadas (Crites, 1981), sendo uma

parte significativa destas abordagens relativa ao processo de escolha ou decisão vocacional. Segundo Crites (1969), um indivíduo faz uma escolha vocacional se expressa a intenção de entrar numa dada ocupação.

Dentro da perspectiva da decisão vocacional existe uma linha de investigação que procura identificar e diferenciar variáveis individuais no processo de decisão vocacional, debruçando-se sobre a indecisão vocacional e os estilos de decisão. Em termos históricos, o interesse dos investigadores centrou-se, primeiramente, na indecisão e só, posteriormente, no processo de escolha ou decisão vocacional (Santos & Coimbra, 1994).

Diversos autores (e.g. Crites, 1969; Callanan & Greenhaus, 1992, cit. por Silva, 1997, p. 40; Arlin, 1989, cit. por Silva, 1997, p. 40; Bransford & Stein, 1993, cit. por Silva, 1997, p. 40) encaram a indecisão da carreira como um problema do comportamento vocacional, caracterizado por uma incapacidade de definir objectivos específicos ou de saber a forma de os atingir. Bransford e Stein (1993, cit. por Silva, 1997, p. 40) afirmam existir um estado inicial, onde o problema surge e um outro estado, referente aos objectivos que se pretendem, pois, atingir.

Assim, poderá dizer-se acerca do adolescente de 14-15 anos de idade, que está prestes a concluir o nono ano de escolaridade e que ainda não tomou uma decisão (estado inicial) acerca do seu futuro escolar e/ou profissional, que ele está confrontado com o problema da escolha da carreira ou, simplesmente, que está indeciso. Daqui decorre, naturalmente, que a decisão nunca é o problema; o problema é a “não-escolha” (indecisão). De facto, decidir é um passo ou etapa fundamental na resolução de um problema.

Deste modo, a indecisão vocacional não deve ser entendida como algo extremamente negativo e “rotulador” para o sujeito, mas antes como uma fase ou etapa normativa do desenvolvimento vocacional. É inegável que muitos clientes nas nossas Escolas Secundárias procuram os Serviços de Psicologia e Orientação porque querem ajuda para realizarem uma escolha escolar e/ou profissional. Estes sujeitos geralmente experienciam incerteza, dúvida, hesitação, perplexidade e vacilação, podendo-se inferir que eles têm um problema de (in)decisão. O que se passa em muitos casos é que estes indivíduos propuseram-se atingir um determinado objectivo e sentem-se incapazes de o atingir pelos seus próprios meios, ou então já fizeram uma escolha mas estão inseguros e pedem uma validação externa acerca da sua decisão (Crites, 1969). No entanto, os indivíduos podem ir adquirindo maior quantidade de informação sobre o mundo profissional, mas manterem-se vocacionalmente indecisos, necessitando de ser ajudados a adquirir ou a desenvolver outro tipo de competências e de estratégias para resolver o seu dilema. Porém, a exploração de si próprio e do meio que o rodeia são dois factores, profundamente interrelacionados, e que têm um papel fundamental no processo de tomada de decisão vocacional (Taveira, 2000).

O que se assiste gradualmente, ainda, é a uma adopção de uma visão mais flexível das práticas de orientação, em que a dinâmica do processo de intervenção constitui o foco de análise. Por outras palavras, a relação entre os métodos e os objectivos, a sua adaptabilidade à condição,

problema e ritmo de progressão próprios de cada sujeito, assim como a lógica do seu funcionamento, são encarados nesta perspectiva como constituindo os elementos essenciais do processo de intervenção vocacional. (Coimbra, Campos & Imaginário, 1994). Segundo Zunker (1986), é necessário tomar em consideração os valores, os interesses, as habilidades e experiências do indivíduo – em suma, as suas características individuais – mas torna-se, igualmente, necessário identificar e problematizar as influências no seu desenvolvimento vocacional, das quais fazem parte a estrutura económica, as oportunidades profissionais e de emprego, a classe social, o grupo de pares ou a dinâmica familiar (Imaginário, 1997).

Além disso, a tomada de decisão deverá propor aos alunos um conjunto de actividades através das quais, partindo de acontecimentos do quotidiano, se consciencializem, intelectual e afectivamente, acerca do que significa tomar decisões. Ganham progressiva noção dos principais conceitos que configuram a tomada de decisão e da necessidade de decidir, problematizam os diferentes tipos de processo (decisão planeada, impulsiva, indecisão) e do conteúdo (decisão com certeza, com risco, com incerteza) das decisões e, finalmente, são ajudados a definir uma estratégia pessoal de tomada de decisões e a identificar os problemas maiores que se colocam (Imaginário, 1985). Ora, uma das principais tarefas da Orientação Vocacional é, então, apoiar o indivíduo neste sentido, servindo-lhe de suporte e propiciando uma facilitação da escolha vocacional (Lucchiari, 1993).

## **Metodologia**

### *Amostra*

A amostra foi composta por 59 alunos do 9º ano de escolaridade da Escola Secundária de Viriato de Viseu, com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos (média de 15,29 e  $dp=1,28$ ). Destes, 31 (52,6%) eram do sexo feminino e 28 (47,4%) do sexo masculino. Da amostra considerada, 27 alunos (45,8%) já reprovaram pelo menos uma vez.

### *Instrumentos*

Foram utilizados um Pré-teste e um Pós-teste, construídos com base no questionário de Identidade Escolar e Vocacional, de Carvalho (s/d). Foi construído e aplicado um Programa de Orientação Escolar e Profissional (Rumo ao Futuro), composto por 11 sessões.

### *Procedimento*

A aplicação do Programa de Orientação Vocacional foi precedida de um Pré-teste que teve como objectivo principal formar uma ideia geral do aluno e do modo como ele encarava a necessidade de planear e implementar a sua escolha vocacional após o término da escolaridade

obrigatória. Seguiu-se, durante o 2º e o 3º períodos lectivos, o conjunto de actividades e tarefas, apresentadas de forma organizada e sequencial, ao longo de 11 sessões. Na última sessão do Programa, foi aplicado o Pós-teste.

## Resultados

De modo a proporcionar uma visão mais sequenciada dos resultados, proceder-se-á à sua subdivisão em três pontos principais, a saber: Pré-teste, onde se apresentam os dados referentes à situação anterior à aplicação do Programa Rumo ao Futuro – PRF – (o facto de terem pensado na escolha profissional, a busca ou não de informação e as fontes preferidas, a confiança que apresentam nas figuras de referência para auxiliar no processo de escolha, o conhecimento das alternativas após o 9º ano, e se alguma vez exploraram os seus interesses, capacidades, entre outros, com vista à escolha de uma profissão futura), Pós-teste, onde se analisam as questões relativas ao impacto pessoal do programa, e comparação entre o Pré e o Pós-teste.

Os resultados obtidos estão representados nos seguintes quadros:

**Quadro 1** – Resultados do pré-teste sobre as perspectivas dos alunos em relação às escolhas, à busca de informação e ao futuro profissional (em frequência e percentagem)

Questões	Respostas	n	%
Pensou na escolha escolar e profissional	Nunca pensa	3	5,1
	Por vezes pensa	23	39,0
	Pensa muitas vezes	33	55,9
Tem procurado informação sobre cursos e profissões	Sim	15	25,4
	Não	44	74,6
Se sim, onde	Família	2	13,3
	Amigos/conhecidos	3	20,0
	Escola	5	33,3
	Em locais próprios	1	6,7
	Outros	4	26,7
Alguma vez conversou com alguém acerca dos planos para o futuro	Sim	51	86,4
	Não	8	13,6
Se sim, com quem	Família	22	37,3
	Família e amigos	21	35,6
	Amigos	6	10,2
	Outros	2	3,4
Conhece as alternativas que existem após o 9º ano	Não	4	6,8
	Tem uma ideia	48	81,4
	Conhece	7	11,9

Explorou os interesses, capacidades, com vista à escolha de uma profissão futura	Sim	36	61,0
	Não	23	39,0

**Quadro 2** – Resultados do pós-teste sobre as expectativas dos alunos antes das sessões e a facilidade na tomada de decisão após os esclarecimentos obtidos com o programa (em frequência e percentagem)

Questões	Respostas	n	%
Após o programa, as expectativas foram alcançadas	Sim	50	84,7
	Não	9	15,3
Facilidade na tomada de decisão depois do 9º ano, após a participação no programa	Mais difícil	30	51,7
	Mais fácil	20	34,5
	Indiferente. Eu sempre soube o que queria	6	10,2
	Indiferente. Não me preocupo com isso ainda	2	3,4

**Quadro 3** – Comparação entre o pré e o pós-teste (em frequência e percentagem)

Questões	Respostas	Pré-Teste		Pós-Teste	
		n	%	n	%
Nível de escolaridade que pretende atingir	Terminar o 9º ano e começar a trabalhar	8	13,6	5	8,6
	Concluir o 12º ano	8	13,6	9	15,5
	Tirar um curso Tecnológico/Profissional	10	16,9	14	24,1
	Prosseguir os estudos e entrar num curso superior	33	55,9	30	51,7
	Não respondeu	-	-	1	1,7
Qual curso que escolheria	Carácter Geral	7	11,9	21	35,6
	Tecnológico	1	1,7	8	13,6
	Qualificante	2	3,4	1	1,7
	Escola Profissional	8	13,6	7	11,9
	Não se matriculava	4	6,8	2	3,4
	Não sabe	37	62,7	10	16,9
Motivos que levarão à escolha de uma profissão no futuro	Ganha-se bem	29	49,2	32	54,2
	É mais fácil conseguir emprego	16	27,1	31	53,4
	Não é preciso estudar muito	7	11,9	2	3,4
	Poder “ser alguém” na vida	18	30,5	25	42,4
	Ajudar as pessoas	22	37,2	24	40,7
	Outro	24	40,7	12	20,3

## Discussão e conclusões

Atendendo à análise dos resultados, é possível concluir que, realmente, ocorreram alterações extremamente interessantes entre os dois momentos de avaliação, patentes nas respostas obtidas com o Pós-teste e nas três questões que foram foco de comparação neste estudo.

Dos 59 alunos que compunham a amostra, 33 (55,9%) afirmaram pensar frequentemente na sua escolha vocacional, o que faz supor que esta é já uma parte integrante das suas vidas, correspondendo, no entanto, a um processo extremamente difícil para grande parte dos adolescentes. Do mesmo modo, grande parte dos alunos ( $n=36$ , 61,0%) responderam positivamente ao facto de já terem explorado as suas próprias características (capacidades, interesses), com vista à escolha de uma profissão futura. Tal permite inferir que, realmente, os alunos se mostraram conscientes da necessidade urgente de encarar a tomada de decisão vocacional como uma realidade cada vez mais próxima, embora apenas 15 alunos (25,4%) tenham referido uma procura de informação sobre cursos e profissões. Assim, estes alunos não teriam ainda adoptado uma atitude proactiva no sentido da obtenção de informação existente sobre a matéria.

Por seu lado, relativamente aos alunos que afirmaram já terem pesquisado informação, a escola foi referida como o local privilegiado, sendo os professores as figuras de eleição. Sendo assim, de uma maneira geral, a escola surge como uma experiência organizadora central na maior parte da vida dos adolescentes, passível de lhes oferecer oportunidades, aperfeiçoar competências, explorar as escolhas vocacionais e estar com os amigos (Papalia, Olds & Feldman, 2001). São estes últimos que surgem, em segundo lugar, na preferência dos alunos no que se refere à procura de informação escolar e profissional ( $n=3$ , 20,0%). Como se sabe, o período da adolescência caracteriza-se pela expansão dos jovens fora de casa, procurando um sentimento de pertença junto dos amigos com quem mais se identificam, influenciando-os e sendo, simultaneamente, influenciados por estes, como referem Papalia, Olds e Feldman (2001).

Um outro aspecto relevante dá conta do facto de a esmagadora maioria dos alunos inquiridos já terem conversado com alguém acerca dos seus planos para o futuro ( $n=51$ , 86,4%), o que permite, novamente, inferir acerca da tomada de consciência face à necessidade da escolha. Deste grupo de alunos, a maior ênfase foi colocada na família, inversamente à questão anterior, seguida da resposta “família e amigos”. Ou seja, se, por um lado, o grupo de pares constitui uma das principais fontes de informação escolar e profissional, em detrimento da família, verifica-se que, no que respeita à verbalização dos planos para o futuro, 22 alunos (37,3%) preferem a família e 21 (35,6%) englobam o sistema familiar e o grupo de amigos na sua resposta. De facto, a esfera familiar constitui o pano de fundo no qual o jovem se constrói e desenvolve. Enquanto pessoas significativas que são (Blustein & Spengler, 1995), os pais, mais frequentemente, funcionam como confidentes e estruturas de suporte. A necessidade de partilhar os seus

objectivos, dúvidas, desejos, em questionar-se a si e aos seus projectos, em procurar apoio incondicional, vem suportar a poderosa influência que a família exerce na tomada de decisão vocacional do jovem (Gonçalves e Coimbra, 1994; Gonçalves, 1998).

Já no segundo momento de avaliação, os alunos responderam maioritariamente que as suas expectativas tinham sido alcançadas após a sua participação no PRF ( $n=50$ ; 84,7%), o que é, sem margem para dúvida, um aspecto altamente favorável. No que respeita ao item sobre a facilidade/dificuldade na tomada de decisão, 30 alunos (51,7%) consideraram ser mais difícil tomar a decisão acerca do que fazer após o 9º ano de escolaridade. Este é, indubitavelmente, um aspecto tremendamente importante, já que tal programa conseguiu atingir um dos objectivos a que se propôs e que foi, justamente, o despertar os alunos para a tomada de decisão vocacional, face à necessidade urgente de tomar decisões conscientes e realistas, que os irão acompanhar ao longo da vida e interferir na construção do seu projecto profissional e, sobretudo, pessoal.

Assim, é passível de surgir uma situação de dilema, caracterizada por interesses repartidos entre mais que uma opção viável, colocando os alunos numa fase de intensa construção e reconstrução de ideias, de uma avaliação sistemática das suas consequências positivas e negativas, para que então possa processar a escolha vocacional (Departamento do Ensino Secundário e col., 2002). Contudo, tal estado não deve ser classificado pejorativamente mas antes como uma etapa normativa do desenvolvimento vocacional (Cochran, 1991).

Contudo, existe uma percentagem relevante de jovens ( $n=20$ ; 34,5%) que consideraram mais fácil a tomada de decisão após a sua participação no Programa, e uma outra menos significativa ( $n=8$ ; 13,6%), correspondente aos alunos que se revelaram indiferentes.

No que se refere ao primeiro caso, mais uma vez, os objectivos do PRF foram alcançados, proporcionando a estes alunos uma visão mais ampla do vasto mundo vocacional e permitindo-lhes, ou consolidar as intenções escolares e profissionais que tinham previamente, ou alargar os seus “horizontes” através de novas perspectivas e possibilidades de escolha com as quais se identificaram.

Respeitante ao momento de comparação entre o Pré-teste e o Pós-teste, foi possível chegar a conclusões essenciais. Anteriormente ao Programa, era superior o número de alunos que tinha como objectivo começar a trabalhar logo após o 9º ano, bem como aqueles que, no extremo oposto, queriam prosseguir os estudos e ingressar no Ensino Superior. Por outro lado, do primeiro momento de avaliação para o segundo, deu-se um ligeiro aumento da preferência dos alunos pelos cursos de carácter Tecnológico/Profissional, tal como a vontade manifestada por outros de prosseguir os estudos até ao 12º ano.

Um outro dado merecedor de especial relevância corresponde à diminuição acentuada que se observa entre o Pré-teste e o Pós-teste, quanto aos alunos que não sabiam o que fazer depois de terminar a escolaridade obrigatória. Tal poderá dever-se à tematização do sistema educativo e às possibilidades dadas a conhecer aos alunos no decurso da aplicação do Programa, como

factores imprescindíveis no processo de Orientação Vocacional, possibilitando-lhes um conhecimento mais aprofundado das diversas alternativas possíveis após o 9º ano.

Relativamente à última questão, que incidiu sobre os motivos que levarão os alunos à escolha de uma profissão futura, “Ganha-se bem” foi o mais mencionado, havendo inclusivamente um ligeiro aumento do Pré-teste para o Pós-teste (de  $n=29$ ; 49,2% para  $n=32$ ; 52,4%). Mais uma vez está patente o desejo crescente de conquistar a autonomia e a independência face à família, como factor a considerar face a estes resultados (Azevedo, 1992).

### Referências Bibliográficas

- Azevedo, J. (1991). *A Educação tecnológica nos anos 90*. Porto: Edições ASA.
- Azevedo, J. (1992). Expectativas Escolares e Profissionais dos Jovens do 9º Ano: 1989/1991. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 17-45.
- Blustein, D.L. (1992). Toward the reinvigoration of the vocational realm of counseling psychology. *The Counseling Psychologist*, 20, 712-723.
- Blustein, D.L. & Spengler, P.M. (1995). Personal adjustment: Career counseling and psychotherapy. In W.B. Walsh & S.H. Osipow (Eds.). *Handbook of vocational psychology* (2<sup>nd</sup> Ed.). New Jersey: Erlbaum.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Cochran, L. (1991). *Life-Shaping Decisions*. New York: Peter Lang Publishing.
- Coimbra, J.L. (1997). O Meu “Grande” Projecto de Vida ou os Meus “Pequenos” Projectos: Linearidade ou Recorrência no Desenvolvimento Vocacional e Suas Implicações Educativas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 13, 21-27.
- Coimbra, J.L., Campos, B.P. & Imaginário, L. (1994). *Career intervention from a psychological perspective: Definition of the main ingredients of an Ecological-development methodology*. Comunicação apresentada no 23º Congresso Internacional de Psicologia Aplicada. Simpósio sobre “Desenvolvimento e Contributos Recentes de/para as práticas de Intervenção Psicológica nas Carreiras”, Madrid.
- Crites, J.O. (1969). *Vocational psychology: the study of vocational behavior and development*. New York: McGraw-Hill
- Crites, J.O. (1981). *Career Counseling: Models, Methods and Materials*. New York: McGraw-Hill.

Departamento do Ensino Secundário e col. (2002). *Rosa-dos-Ventos*. Lisboa: Ministério da Educação.

Freire, M.S. (1980). *Educação Vocacional no Ensino Secundário*. Lisboa: Livros Horizonte.

Gonçalves, C. (1998). *A Influência da família no desenvolvimento vocacional de jovens e adolescentes*. Comunicação apresentada na 5ª Conferência Bienal da EARA, Budapeste.

Gonçalves, C. & Coimbra, J.L. (1994). A Influência do Clima Psicossocial da Família no Desenvolvimento Vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10, 43-52.

Imaginário, L. (1985). Ajuda Sistemática à Decisão Vocacional no 9º Ano de Escolaridade. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 1, 117-130.

Imaginário, L. (1997). Questões de Orientação. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 13, 39-46.

Lucchiari, D.H. (1993). O que é orientação profissional? Uma nova proposta de actuação. In., D.H. Lucchiari (Org.). *Pensando e vivendo a orientação profissional* (pp. 11-16). São Paulo: Summus.

Nérici, I.G. (1983). *Introdução à Orientação Educacional* (3ª Ed.). Brasil: Editora Atlas S.A..

Papalia, D.E., Olds, S.W. & Feldman, R.D. (2001). *O Mundo da Criança*. Amadora: McGraw-Hill.

Peavy, R.V. (1996). Councelling as a culture of healing. *British Journal of Guidance and Councelling*, 24, 141-150.

Prado, K. (1993). Escolha profissional e atualidade do mercado de trabalho. In., D.H. Lucchiari (Org.). *Pensando e vivendo a orientação profissional* (pp. 109-116). São Paulo: Summus.

Silva, J.M. (1997). Dimensões da Indecisão da Carreira: Investigação com Adolescentes. Dissertação para Doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Coimbra.

Taveira, M.C. (2000). *Exploração e Desenvolvimento Vocacional de Jovens: Estudo sobre as Relações entre a Exploração, a Identidade e a indecisão Vocacional*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia.

Zunker, V.G. (1986). *Career Counseling: Applied Concepts of Life Planning* (2<sup>nd</sup> Ed.). California: Brooks/Cole Publishing Company.